

José Joubert Chaves
EDITOR

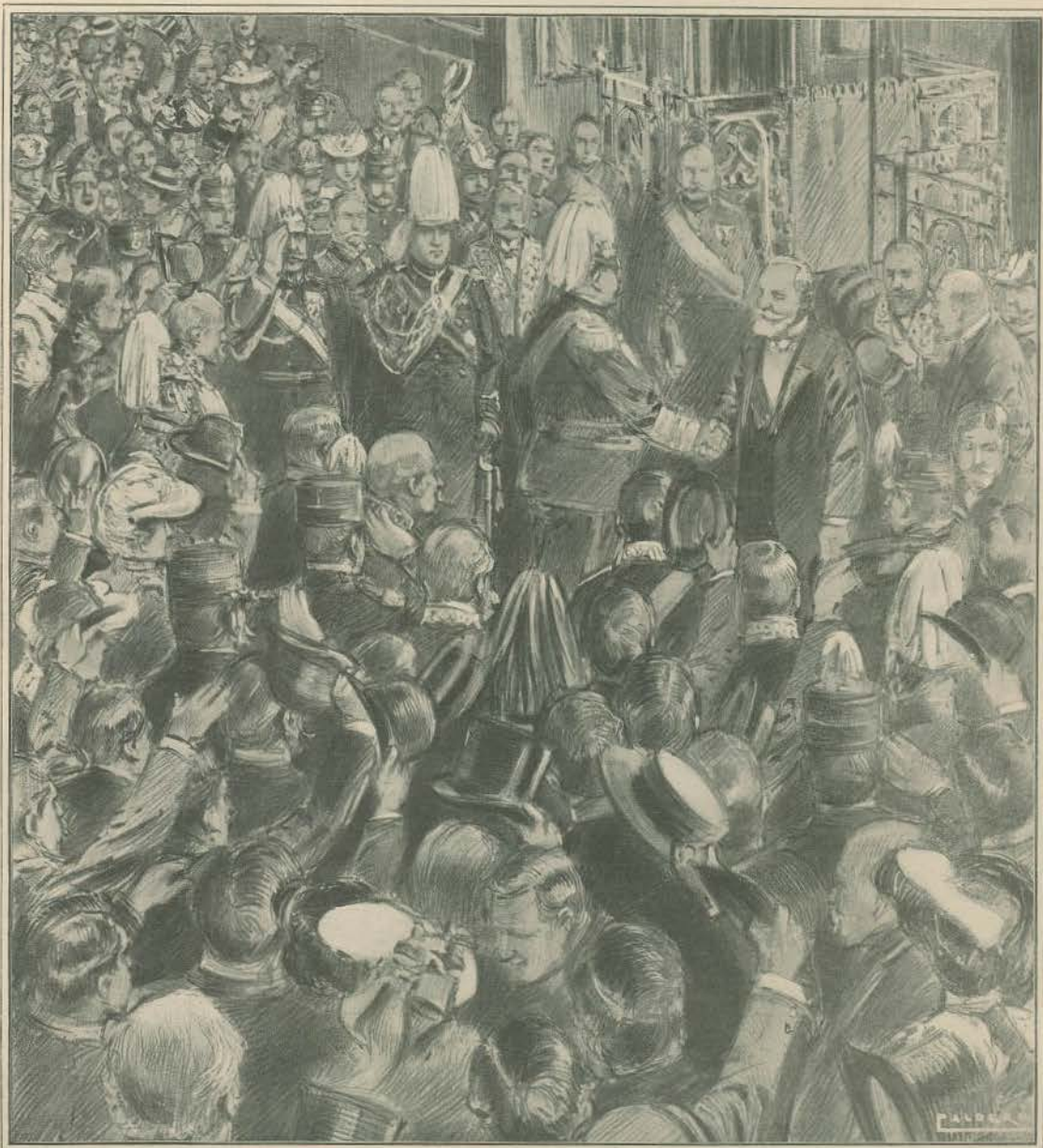
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
para o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographar., zineographia, stereotypia, lithographia e impressão - Rua Formosa, 48 - Lisboa

SEGUNDO ANNO,

SEGUNDA FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 1905

NUMERO 404



A chegada do Presidente da Republica Franceza

O comboio presidencial que chegou a gare do Rocio ás 11 horas e meia foi saudado por uma salva de palmas. El-rei arañçou para a portinhola do wagon e quando Loubet desceu, o mundo official sandou-o com entusiasmo. Mas cá fóra nas ruas, por toda a parte, recrudescer. Era quasi uma vertigem; ouvim-se os vivas e

as palmas bem espontaneas, o povo quasi rompia as filas da tropa e da policia que vigiava com a maior atencion a marcha do cortejo.

Quando o cortejo comecou a desfilar, de todos os lados vinha uma nota intensa de alegria a que se misturava a *Marselheza* com os seus accordes, augmentando

o delirio da multidão que acclamava sempre o Presidente da Republica. Loubet sorria, agradecido, com uma commoção bem evidente que el-rei partilhava bem como todas as pessoas do sequito que saudavam por sua vez o povo.

CHRONICA

As flores da península

Em Hespanha durante as festas a mr. Loubet foi prohibido lançar flores sobre as carruagens, foi prohibida essa chuva de petalas garridas, macias e perfumadas com que nós outros, peninsulares, costumamos saudar Deus e as mulheres formosas, os grandes artistas e as supremas bellezas.

Dizer a um peninsular que não arremesse flores n'uma hora de entusiasmo, é como dizer-lhe que não se bata no momento em que o atacam. As flores entre nós são tão queridas que até lhes inventamos uma linguagem; ellas são symbolos desde o tempo arrojado da cavallaria, dos heroes da San Graal até agora, ao tempo positivo do caninho de ferro e da dynamite.

Nunca se fez uma affronta assim ás flores da península, a essas lindas rosas vermelhas como a boca das grandinas, a essas sing-las rosas pallidas que lembram hostias sacradas na sua transparencia, a essas cravos rubros, vivos, de aroma alarmante como um ovelante oriental, a essas violetas suaves que são feitas para os andores e para o seio das virgens, a esses ramos que saem da terra abençoada n'um tempo de luz, n'uns mezes de sol, de vida, de trabalho, de rejuvenescimento.

As flores até aqui destinadas aos grandes cidadãos, aos heroes, ao culto do bello, á suprema grandeza são postas de lado, como se nas suas petalas se pudesse aninhar o crime, a traição, a morte.

Realmente ha perfumes que matam a gente que com elles quer morrer. As romanticas suicidas que se vestem de branco e enchem os quartos de flores até ao derradeiro momento n'essa allucinação do passamento vêem os contornos delicados das flores, as cores vivas das suas folhas, respiram esse aroma estonteante que assassina.

Por vezes tambem n'um moitão das mais bellas rosas roxas se escondem víboras n'uma ancia de fazer mal, se occultam bem para darem a morte a coberto d'essa suprema belleza das flores que attrae a victima. E assim de tanto esplendor sae a morte, de tanta maravilha vem o golpe que derruba, como do céu magnifico, d'essas alturas onde dizem habitar a paz e a harmonia, ao por vezes o raio que fulmina homens innocentes.

Mas agora não podia succeder assim; as flores que se arrojassam sobre o Presidente da Republica haviam de servir para exprimir claramente o entusiasmo, o delirio, o arrebatamento d'alegria que se sentia diante d'essa figura veneranda que consubstancia a fraternidade latina, a união d'esses



A EMBAIXADA DE FRANÇA EM LISBOA—A fachada

lindos paizes das grandes andanças e dos bellos céus, dos supremos heroismos e tambem das formosas flores que não puderam d'esta vez preencher a sua missão de consagradoras em terras de Hespanha.

Entre nós ellas tambem não appareceram. Quando foi da visita dia rainha de Inglaterra, um fidalgo bizarro, de alta lunhagem e soberbo aprumo, offerceu rosas á soberana em pleno Chiado. Quando Eduardo VII nos visitou, folgámos tambem em lhe mostrar com o nosso mais bello céu as nossas mais ricas flores. Offerecemos-lhe um parque; plantou arvores em Monserrate, a dois passos dos magnificos jardins, como n'uma festa da Hellenia no tempo dos Deuses. Sobre o coche de gala que o levava as flores caíam, perfumavam e sagravam. Era em abril.

Dizer-se que era em abril é desvendar o segredo da prohibição de atirar flores ao presidente em Hespanha. Nós, os habitantes d'este canto do mundo, somos vaidosos, temos presumpções de cousas para as quaes não contribuímos.

Falamos mais do nosso clima que dos nossos feitos, falamos mais das nossas lindas flores que das nossas obras d'arte. A Hespanha pôde esquecer-se de que passou quadros de Rembrandt, de Goya, de Zurbaran, de Murillo, mas não de que tem em Granada as mais lindas rosas do mundo; pode esquecer que descobriu a America, que houve um tempo em que o sol allumiava sempre os seus vastos dominios, mas não esquecerá que nas tranças das suas mulheres ressaltam as mais bellas camelias do globo.

Como é então que um paiz onde se tem assim o culto da flor se prohibe que ella se lance sobre o hospede querido, como se de dentro das suas folhas pudesse saír o petardo libertario!

E! porque já não é abril, já seccaram as flores com a invernia para resuscitarem mais bellas nos dias de sol, mas a vaidade hespanhola, que é a nossa, accêra do clima e das rosas, disfarçou o seu inverno com esse edital em que prohibe as flores, não querendo dizer que onde não ha... não só o rei mas mesmo o Presidente perde!

ROCHA MARTINS.



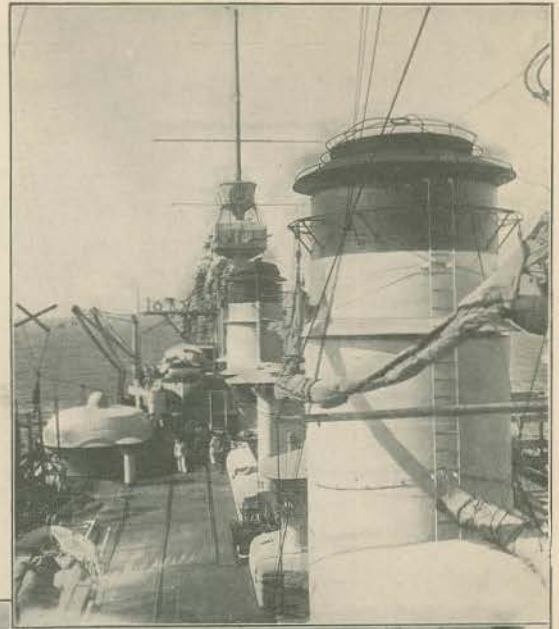
A EMBAIXADA DE FRANÇA EM LISBOA—Um aspecto do salão onde mr. Loubet recebeu a colonia franceza que lhe entregou um album



A capa do album que a colonia franceza em Lisboa offereceu a mr. Loubet, trabalho do pintor Malhõa, feito para substituir a plaquette de Teixeira Lopes que foi offercida em separado



A pagina de Columbano Bordallo Pinheiro no album que a colonia franceza offerceu a mr. Loubet



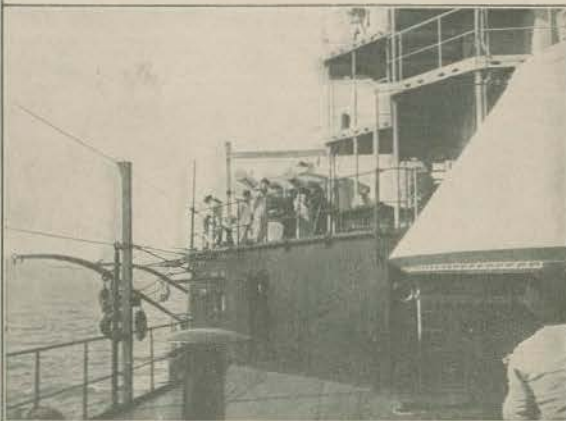
O cruzador couraçado «Léon Gambetta» que veio ao Tejo para conduzir a França, após as festas em Lisboa, mr. Emile Loubet, presidente da Republica Françoza

O castello da prôa—Um aspecto do navio—O quarto do Presidente da Republica no couraçado

O *Léon Gambetta*, do commando do capitão de fragata Clement, entrou no Tejo em terça-feira 24 de outubro e saiu em domingo 29, em cuja manhã mr. Emile Loubet, depois de visitar a Câmara Municipal, offereceu a bordo um almoço a SS. MM. e AA. Durante a estadia do couraçado nas nossas aguas a sua tripulação foi alvo de grandes manifestações de sympathia e os seus officiaes

tomaram parte na maioría das festas offercidas ao Presidente da Republica. Desde o dia da entrada até á véspera da partida os marinheiros do *Léon Gambetta* armaram a sala onde se realisou o almoço e que estava enfeitada de vermesinho e ouro e occupava todo o espaço a estibordo entre a ponte de commando e a torre das peças de 19 centimetros situadas á popa. De Brest vio-

ram tambem magnificas plantas que ornamentaram o recinto no qual se fizeram as despedidas de nosso illustre hospede a SS. MM. A's ordens do commandante do *Léon Gambetta* ficou o 1.º tenente sr. Leotta do Rego, que já desempenhára missão egual junto do príncipe de Battenberg.



O cruzador-couraçado 'Léon Gambetta' que veio ao Tejo para conduzir a França, após as festas em Lisboa, mr. Emile Loubet, presidente da Republica Franceza

Salão de recepção—Sala de jantar—Preparativos para a recepção de S. M. em 29 de outubro—Gabinete de Toilette de S. M. a falha no dia da despedida de Loubet—Marinheiros no castello de prôa

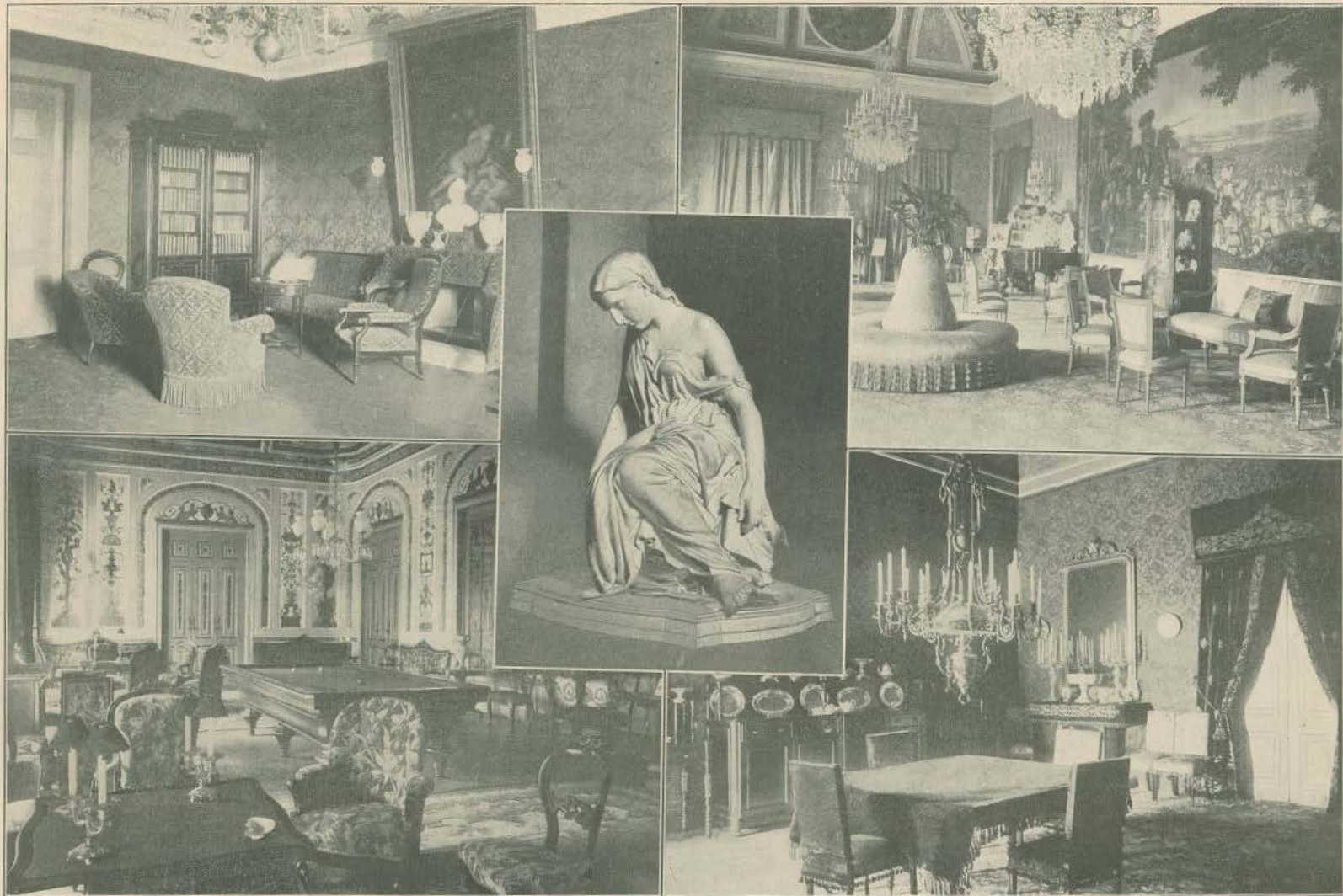
O cruzador *Léon Gambetta* foi lançado a água em Frost a 26 de outubro de 1901 pelas duas horas e meia da tarde.

Com todas as precauções e com um trabalho enorme se fez deslizar esse bello barco de 12.000 toneladas pelo estreito rio de Penfeld, sendo a operação dirigida

por mr. Lyasse, engenheiro chefe das construções navas que após a cerimonia recebeu a cruz da Legião de Honra. O ministro que vinha a pasta da marinha por esse tempo em França, mr. Lanesman, assistiu á cerimonia com varios deputados e senadores e antigos amigos do celebre chefe do Governo de Dofeza, Léon Gambetta

cujo nome o couraçado recebeu. O espelho do *Rorlin*, o navio escola naval francez, foi quem lançou a boça do bellissimo barco, tendo o ministro da marinha pronunciado um discurso no qual disse folgar em ter dado o nome de Gambetta ao mais forte, ao maior e ao mais rapido dos cruzadores francezes. *Gambetta* foi o primei-

ro barco a ser lançado ao mar de entre os tres de 12.000 toneladas que foram autorizados pela Lei de 1900. Os outros dois chamam-se *Victor Hugo* e *Jules Ferry*. Tem de comprimento 148,35 metros e de largura 21,40 e a tripulação é de 728 homens.



As salas da Legação de França que mr. Loubet visitou por ocasião da recepção da colonia franceza

Gabinete do ministro. — O salão onde mr. Loubet recebeu a colonia franceza. — A senhora duquesa de Palmella aos quinze annos, estatuetta de Calzels, existente na Legação—Salão do bilhar—Sala de jantar particular

Mr. Loubet visitou a Legação de França e alli recebeu a colonia franceza que lhe entregou um magnifico album collaborado pelas principaes artistas portuguezas. O palacio onde está installada a Legação de França foi o antigo solar dos marquezes d'Albrites, que alli viveram e

deram magnificas festas, algumas das quaes ficaram celebres no tempo de D. Maria I. As salas são vastissimas e estão ricamente decoradas. Existe ali uma sala denominada *des prates*, cujo tocto é todo em louça da Índia e do Japão d'um inestimavel valor; os jardins são

enormes e estão muito bem cuidados. A colonia franceza foi convidada por mr. Rouvier, ministro da França em Portugal, para uma festa brilhantissima que correu muito animada e á qual compareceram com todo o pessoal da Legação muitas personagens do sequito do Pre-

sidente da Republica. As illuminações dos jardins eram magnificas, destacando-se no fundo e voltado para o Tojo o escudo francez feito em lampadas encarnadas, azues e brancas, d'um effeito extraordinario.



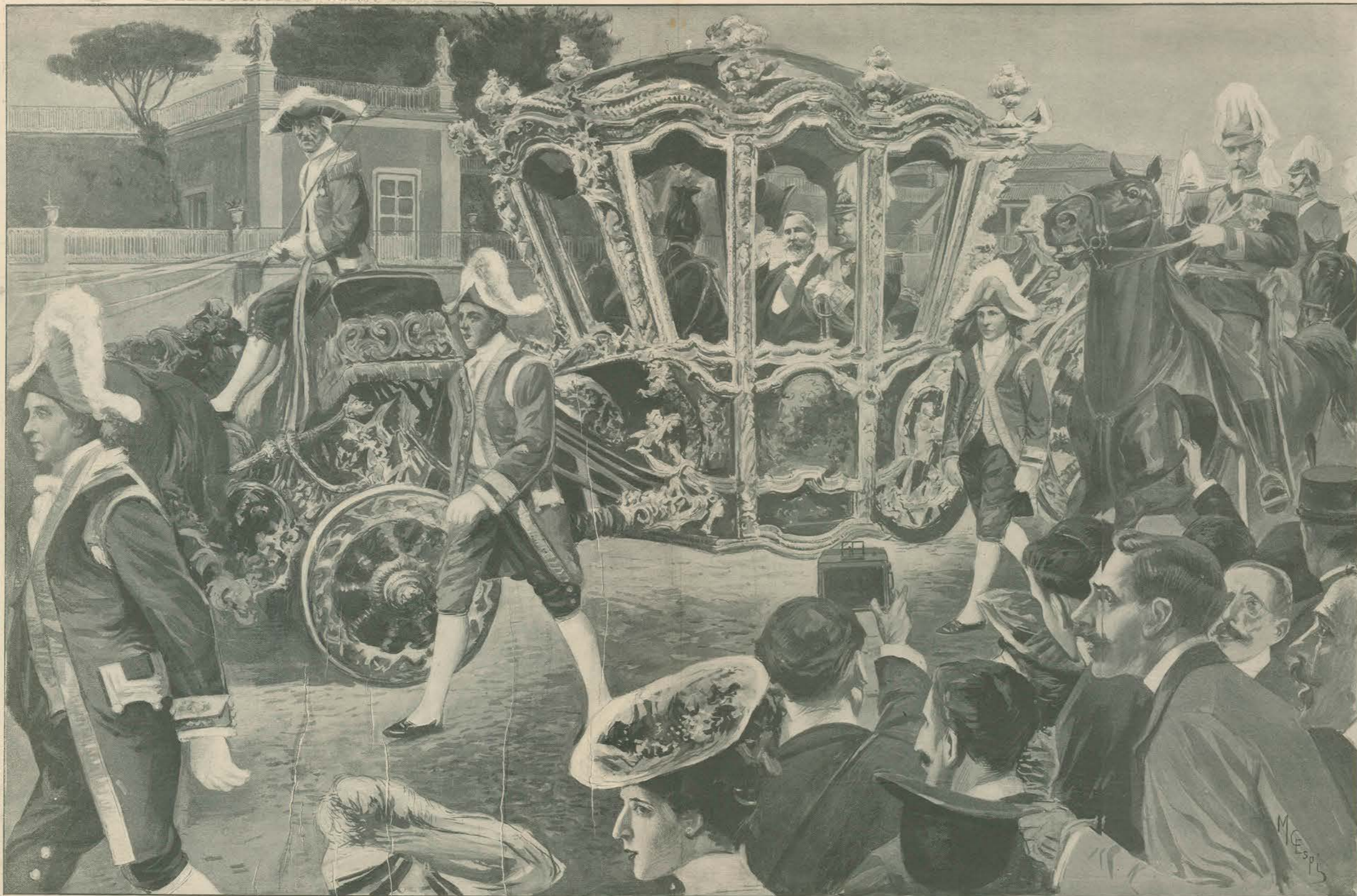
O real paço de Madrid onde esteve hospedado o presidente da Republica Françoza



O edificio dos Museus e Bibliotheca de Madrid qque mr. Loubet visitou em 26 de outubro



O edificio do ministerio da guerra em Madrid no qual esteve hospedado mr. Rouvier, presidente do conselho de ministros e ministro dos estrangeiros de França



A VISITA DO PRESIDENTE LOUBET: A passagem do cortejo em frente do paço de Belem onde mr. Loubet ficou alojado

No Estroncamento á chegada do comboio presidencial, o delírio era enorme. De todos os lados se ouviam vivas e palmas. Os ministros portugueses sr. Villaca e D. João de Alarcão foram recebidos na gare pela camara

e pelas autoridades. Desde Santarem que os funcionarios locais os acompanhavam. Quando Loubet desceu por um momento da carruagem o entusiasmo foi grandioso. Sem precauções, sabendo que estava entre um

bom povo, o Presidente passou para o compartimento onde devia seguir para Lisboa. Durante o percurso foi sempre aclamado com o mesmo louco entusiasmo. Mas onde a manifestação se tornou mais soberba, onde che-

gou a arrancar lagrimas, foi deante da Rocha do Conde d'Obidos, onde, a'nim pavilhão, mais de mil crianças cantavam a *Marsehesa*. Ahí os brados foram enormes, eram verdadeiros arrances d'alma que faziam dizer a toda a

gente que jamais se viria em Portugal uma manifestação d'esta ordem. Escoltado pela guarda municipal e pelos regimentos de cavallaria 2 e 4, o Presidente chegou ao palacio de Belem entrando pelo portão da quin-

ta e saudando o povo que o acclamava delirantemente. N'esse mesmo dia Loubet foi recebido na Sociedade de Geographia, onde a manifestação foi do mesmo modo imponente.



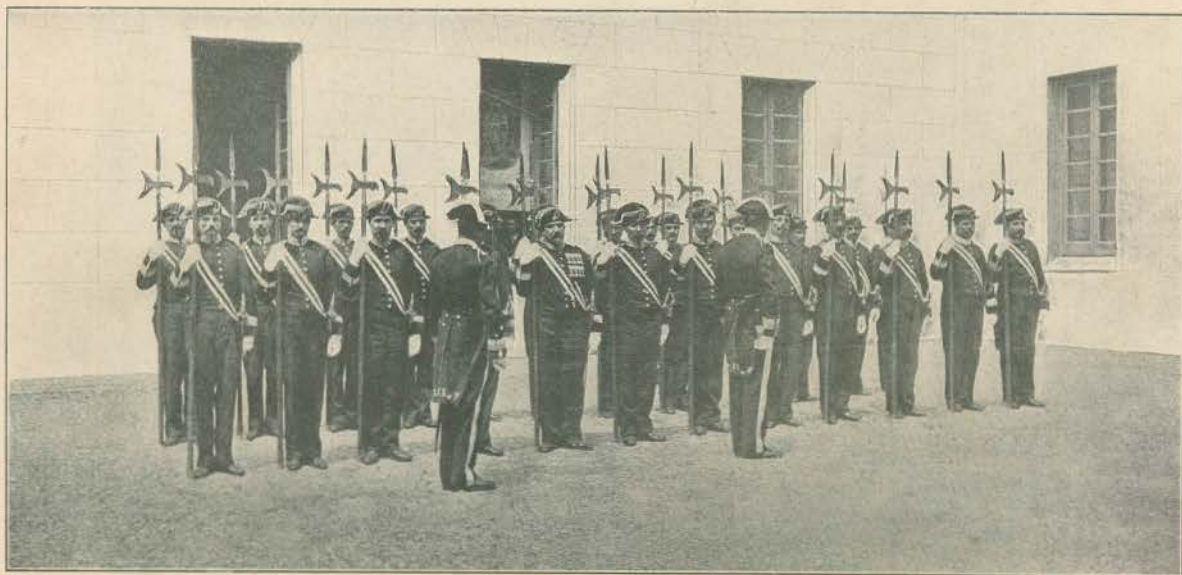
O principe Luiz Fernando de Baviera

Fernando Maria Luiz Francisco d'Assis Izabello, Adalberto, Ildefonso, Martin, Bonifacio, José, Izidoro, nasceu em Madrid a 10 de maio de 1884. É o primeiro filho da infanta Maria da Paz, irmã de Afonso XII e que casou com o principe Luiz da Baviera. O noivo da infanta Maria Theresza é infante de Hespanha, tenente de cavalaria bavara e cavalleiro da ordem de S. Huberto.



Infanta Maria Theresza, que vai casar com o principe Fernando de Baviera, seu primo

A infanta Maria Theresza Isabel Eugenia Patrocinia Diega é irmã do rei de Hespanha e nasceu em Madrid a 12 de novembro de 1882. É a segunda filha da rainha Maria Christina, tendo sido a primeira a infanta D. Maria de las Mercedes, ha pouco fallecida e que casou com o principe das Asturias.



Os alabardeiros da guarda real de Hespanha que fizeram o serviço de honra no interior do palacio de Madrid durante a permanencia de mr. Loubet



Sr. Quintella de Sampaio
Secretario da legação portugueza em Paris



Sr. Bartholomew Ferreira
Secretario da legação portugueza em Paris



Sr. Domingos d'Oliveira e Silva
Consul de Portugal em Paris



A comissão dos jornalistas portuguezes promotores das festas em honra dos jornalistas estrangeiros

Na primeiro plano da esquerda para a direita os sr.s: *Rangel de Lima, dr. Margarida da Linhares e Abel Botelho.* No segundo plano, da esquerda para a direita os sr.s: *Lorjô Tavares, Antonio Chaves, Tavares de S. Mello e Alfredo Mesquita.*

A esta comissão foram aggregados o nosso illustre o director sr. Silva Graça e dr. Alfredo da Cunha



A escultura da fachada da Camara Municipal de Lisboa, trabalho do grande escultor francez, residente em Portugal, mr. Calmeis e que figura no album offerecido pela colonia franceza em Lisboa ao Presidente da Republica.—(Aqua tinta de Arnaldo Fonseca)



A capa do album que a colonia franceza do Porto offereceu a mr. Loubet, por intermédio d'uma commissão composta pelos srs. Lugan, Laiborde, Chardron, Foz e Krug



Mr. Jules Cambon

Embaixador da França em Hespanha. Mr. Jules Cambon occupa este lugar desde janeiro de 1903 e tem prestado relevantes serviços ao seu país n'esse posto de honra que á sua muita intelligencia e illustração deve.



Mr. Schneider

Capitão de couraceiros francezes, que foi attingido pelo estilhaço da bomba de dynamite por occasião do attentado contra o rei de Hespanha e presidente Loubet em Paris e que Affonso XIII convidou para assistir ás festas do Madrid.



O cruzador-couraçado francez «Léon Gambetta» no qual partiu para França, mr. Loubet, no dia 29 de outubro

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

Por FÉLI-BRUGIERE e LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

— Kanyadjé!
— Emfim, reconheste-me!
— Kanyadjé, como vos achais aqui? Em trajos de festa? Que significa isto?

E, com a alma repassada das recordações de alguns mezes, pegou na mão de Kanyadjé e beijou-lh'a.

— Vi-vos algumas vezes em sonho nas minhas tristes noites, depois do nosso encontro. E cheguei até a suspeitar se certos avisos mysteriosos, que recebia para fugir, partiriam de vós. Será possível?

— Sim, era eu, meu salvador, que por minha vez desejei salvar-vos. Não quizestes partir, quando ainda era tempo. Quiz o destino que vóscessa ter conmigo. Ah! Breve pela vossa vida. Não podia prevenir-vos antes da vossa chegada ao acampamento. Choro! depois muita vez por não ter podido pagar a minha dívida. Julguei-vos mortos! muitas vezes. Mas outra vos valeu, ainda mais nobreza que eu sou.

— Qual outra? Seria Nadia? . . . Vós, que a conheceis, sabeis onde ella está? A infeliz trahiu-nos.

E no rosto de Mérande reflectia-se uma commoção extrema.

Uma ruga vincou a fronte pura de Kanyadjé.

— Amaes porventura Nadia?

E a sua voz era quasi trémula.

Mérande não pôde deixar de sorrir.

— Amar Nadia, sim . . . como uma irmã, uma amiga estremeçada, mas nenhum outro laço me prende a ella . . .

— N'essa caso, redarguiu logo Kanyadjé, posso dizer-vos . . . Nadia é hoje . . . mulher de meu pae.

— De vossa mãe?

E Mérande estupefacto fitava Kanyadjé.

— De meu pae . . . Timour!

— Sois filha de Timour? Deus do céo!

— Sou sua filha, e ia ter com elle, como bem sabeis, quando me salvastes a vida.

— A filha de Timour! . . . Ah! agora explico tudo. Kanyadjé, salvai-vos, mas quizestes salvar-me, agradecido. Dou-me por feliz, n'esta horrivel tragedia, de ter encontrado uma alma reconhecida, uma mulher cuja belleza vein illuminar por um momento o meu carcere. Mas não tomeis que vosso pae, advertido por algum guarda, tenha conhecimento da vossa imprudente visita, e vos castigue. Ide, tornaes para os vossos aposentos. Sim, muito obrigado por terdes vindo! Pois, quer morra quer viva, não vos esqueceréi.

E Mérande, comovido, pegava outra vez na mão de Kanyadjé, como o teria feito n'um salão official, com a graça completa de um homem de sociedade, para a conduzir á morte.

Mas Kanyadjé não holia, e a sua mão estreitava, pelo contrario, a de Mérande com um aperto violento.

— Abandonar-vos? Cuidaes que vim ter convosco, affrontando o perigo, para voltar simplesmente depois de vos ter dito que estamos quitos?

— Não posso salvar-vos agora . . . Já não podeis partir! Mas não morreréis, porque meu pae o prometeu a Nadia, e, depois, sabe que vós me salvastes . . . Nunca vos teria mandado matar! Mas, se tentardes evadir-vos, a sua colera não vos pouparia. Pelo menos . . . (e a donzella deteve-se, com a mão sobre o coração, como suffocada) . . . pelo menos, quer sejaes prisioneiro de meu pae quer tenhaes de morrer, deveis saber uma coisa, e ha longo tempo que tenho suspirado por esta hora, desde que vos soube tão perto de mim . . . Mérande, aquella que salvastes pertence-vos, pois que, se não fosseis vós, ella não seria mais que um feixe de ossos roídos pelas feras.

E toda a attitudde de Kanyadjé, simples e digna, com os olhos meio baixos no pallido rosto, indicava o abandono generoso d'essa alma oriental, composta de graça, ingenuidade e ardor intimo.

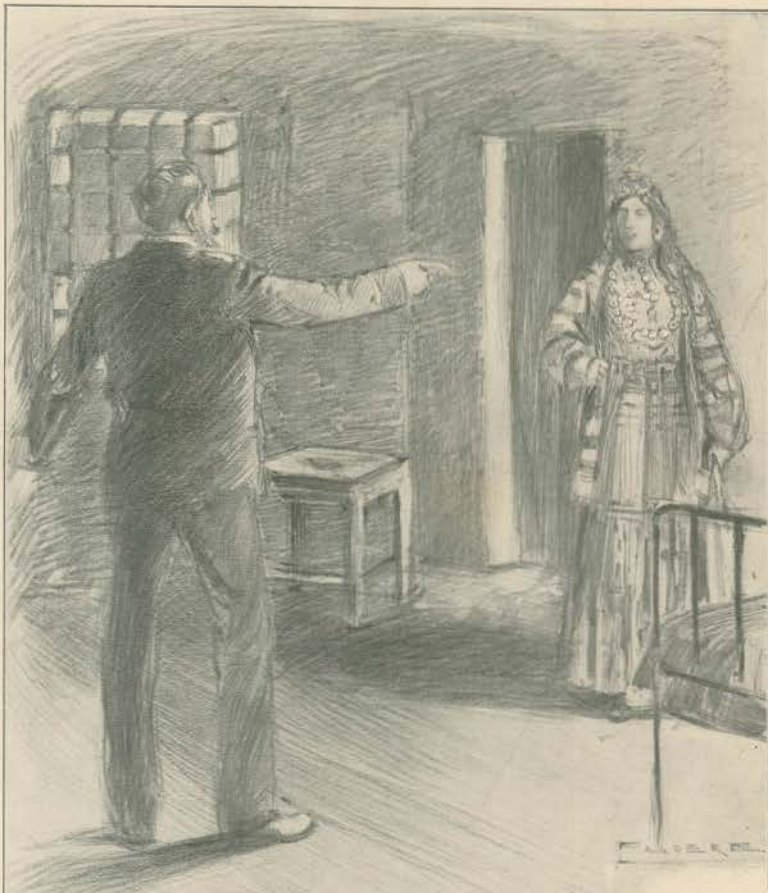
A emoção de Mérande era inexplicavel. Nada o tinha preparado para uma scena tão commovente, e no seu coração entristecido esse amor, que elle adivinhava, cahia de subito como uma chuva de trovoadas, violenta e quente. Não sabia o que responder a uma confiança tão espontanea.

Passados alguns segundos em silencio, pegou nas mãos d'essa criança, e fechando-as nas suas, disse:

— Querida Kanyadjé, é a luz que os seus dias. E quanto me é doce a vossa piedade! Mas que sou eu? Um prisioneiro, cuja alma está atormentada por se reconhecer impotente, a quem uma tristeza profunda envolve . . . Sinto-me feliz, por ouvir uma palavra amiga adeoçar os meus tormentos, por aspirar o perfume que se evola de vós no meio do cheiro de sangue e de morte em que vos vi. Bemdita sejaes, mas deixae-me. Voltaes para junto de vosso pae, segui o seu destino fatal, e, pois que me valeaes sobre mim, que o nosso Deus commun realize o vosso desejo, que nos leve, aos meus amigos e a mim, á Europa, a minha mãe, a minhas irmãs, e que vos faça tambem escapar á tormenta, pobre flor arrebatada pelo vento! Não poder eu ainda salvar-vos!

E Mérande recuou. A donzella tinha escautado, com os olhos fixos em Mérande, mas a sua voz permaneceu firme:

— Kanyadjé não tem duas palavras. Pertence-vos.



SOIS A FILHA DE TIMOUR

IV

ANGUSTIAS DE MÉRANDE

Voltará quando quizerdes. Não recio coisa nenhuma. Tenho os meus servidores fiéis, como meu pae, Voltarei. Sois infeliz, estades prisioneiro. Kanyadjé deve consolar-vos.

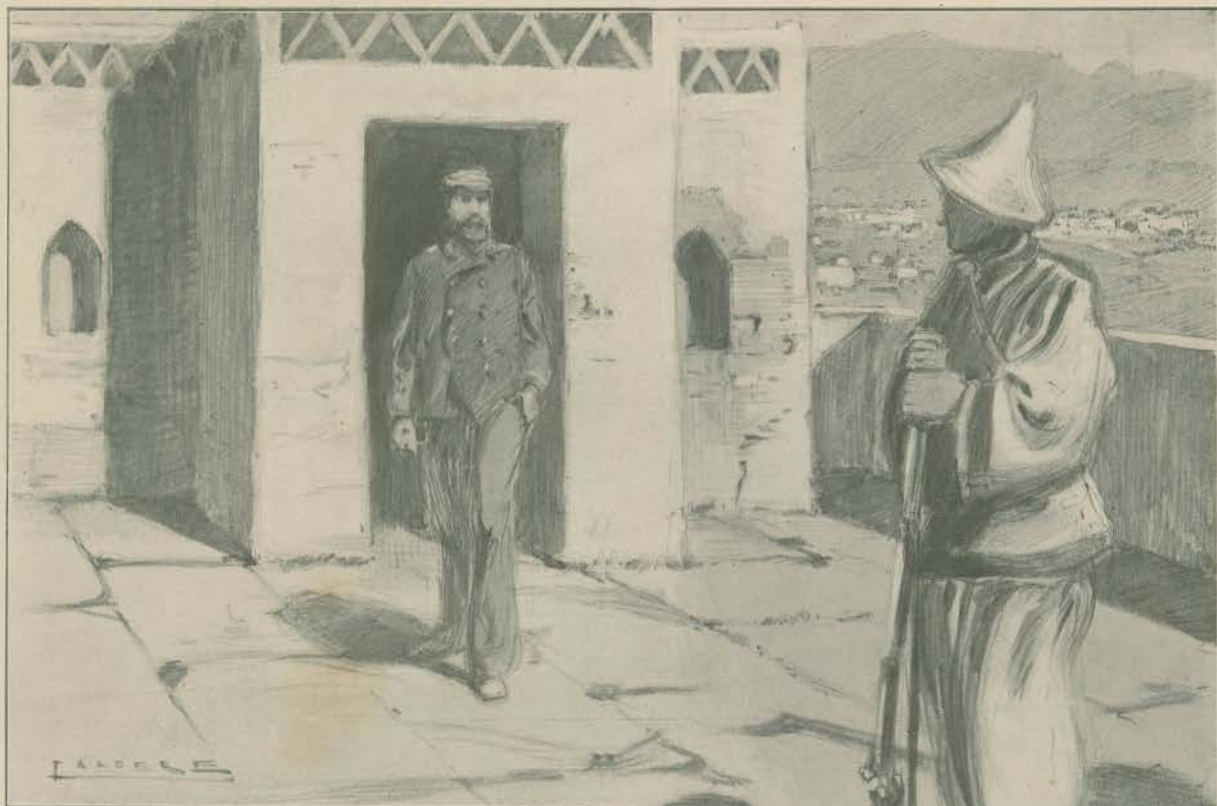
E, de subito, auctas que Mérande pudesse dete-la, a donzella pondo ambas as mãos sobre os hombros do jovem official, baixava graciosamente a cabeça, que apoiou um instante a bre o peito. Depois, erguendo os olhos, cujo lampejo a um tempo altivo e supplicante chegava ao fundo do coração de Mérande:

— A mo-te como amam as asiaticas. Mex tenho tambem sangue da Europa, minha mãe era slava. Se não me amas, tens direito de me repelli-ir. Eu por mim amo-te, o meu amor é mais forte. Voltarei. Adeus. E, bruscamente, a donzella envolveu-se de novo no parandji.

Deante d'ella a porta abriu-se, e appareceu uma sombra branca, que fez signal a Kanyadjé, que se voltou para Mérande immovel, e a sua voz, abafada pelo véo, repetiu lentamente:

— Voltarei.

Mérande não commoçou a nenhum dos seus amigos, nem sequer ao dentor, a visita de Kanyadjé. Guardava no mais recôndito da sua alma o extranho romance que surgiu, no horror do seu captivo, como uma pallida estrella, presagio bem incerto, mas snave ao prisioneiro, de uma aurora de liberdade. Um doce encanto d'essa surpresa lhe restava— uma mulher, quasi uma criança, perdida tambem no aperto desapiedado da invasão, poder captivarse de um d'esses europeus, cuja vida era a mais ameaçada pela propria natureza do drama, onomorada a ponto de ter essa suprema illusão de que o seu amor o livraria de um destino inevitavel. Depois, Mérande era mais novo do que o permitia a sua idade, o seu coração ainda não tinha palpitado ao contacto de um coração de mulher, e comprazia-se em pensar n'essa extraordinaria complicação de acontecimen-



PELO DIA ADEANTE MÉRANDE SUBIU AO TERRAÇO

tos fortuitos, que lhe attrahia o amor de uma asiatica — forçando ao mesmo tempo o seu reconhecimento pela intervenção inesperada d'aquella que um incidente trivial de viagem lhe tinha proporcionado occasião de salvar.

A donzella deixára, ao partir, alguma cousa da sua graça e do seu perfume; o aposento de Mérande estava como se illuminado por elles, e a ultima palavra: *Fal-tari*, continuava vibrando aos ouvidos do official com uma especie de persistencia nervosa, que por vezes lhe fazia voltar os olhos para a porta.

Mas, se Mérande concedia a esse devaneio algumas das horas que corriam lentas e pesadas, era demasiado esguieiro e providente para olvidar o que poderia interessar a sorte dos seus companheiros e a sua propria.

A subitanea appareição de Kanyadjé prendia-se no seu espirito, como uma coincidência extravagante, ao descobrimento do doutor Van Korsteen, que tinha despartido bruscamente a concepção de uma evasão possível.

A existencia de aerostatos no acampamento de Timour não surprehendia excessivamente Mérande. Porém, saber que havia um tão proximo incitava o seu cerebro a reflectir nas tentativas que poderia pôr nas suas mãos. Ora, o que elle julgára impossivel, a não ser por milagre, depois da sua conversação com o doutor, tornava-se agora talvez provavel com o auxilio de Kanyadjé. Era uma probabilidade, e de certo elle não nutria illusões sobre a sua fragueza! Todas as difficuldades a vencer pareciam ainda insuperaveis. Mas operava-se o milagre. Mérande sentia confusamente que Kanyadjé lhe pertencia bem, como ella lho tinha dito. E a esperança, sem elle dar por isso, animava os seus olhos.

Até os seus amigos, no dia seguinte, notaram a transformação de seu rosto. Van Korsteen attribuiu o naturalmente á sua confiança, e indicou-o a Mérande por um forte aperto de mão. Hornan e Bottemans, que depositavam confiança absoluta no seu joven chefe, esperaram por um momento a confiança de algum novo evento favoravel; depois, vendo que Mérande se calava ou falava em cousas vulgares, distrahiram a sua attentão.

Pelo dia adiante, Mérande subiu ao terraço, cercado de uma balustrada que lhes era reservada e d'onde se avistava toda Samarkande, a planície e o longinquo horizonte das montanhas. A sentinella mongol ergueu-se á sua chegada, tomando a attitudão de fazer guarda.

Era um dia claro do mez de setembro. A vista abraçava no longe uma infinidade de particularidades, e, posto que elle ali viesse muitas vezes, sobretudo no principio da noite, Mérande ainda não tinha descortinado com tanta precisão o quadro de SaSamarkande, tornada capital como nos tempos de Timour F Lenk.

Havia quinze dias que o novo Timour se detivera em Samarkande. Esta antiga cidade era o centro da invasão, que rolava e rodopiava a em torno d'ella, com remolhos de fluxo e refluxo humanos, que lançavam na cidade centenas de milhares de transeuntes.

Mérande distinguia claramente os logares e as grandes avenidas abertas pelos russos e orladas de soberbas filas de arvores.

A praça do Rhexistan parecia-lhe animada por uma vida intensa, com o vae-vegem incessante de pedestres, cavalheiros, camelos e combalões que se cruzam, empurrando-se e enclucando-se no meio dos clancos e toques de clarins. A sua vistosa circumvagava sobre os grandes monumentos testemunhos do antigo esplendor da cidade de Timour Lenk, e, que os brancos terraços dominavam. O Gur-Ermir, o o tumulo do conquistador, erguia contra o fundo do o céu a sua cúpula branca, d'uma leveza incomparavel. — Ao longe, separadas da cidade pela foira dos cavallos, e as ruinas enormes da necropole de Bibi-Khanim, a mulher amada de Timour-Lenk, atestavam ao mesmo tempo a força e a decadencia dos amores imperiais. Ás tres grandes madrezes, Mizza-ulad-Beg, Tillah-Kharari, Shir-Dihar, com o arco imenso dos seus porticos, os seus minaretes, frontões, cupulas, emoldurando a velha praça do Rhexistan, pareciam o coraço da rainha d'as cidades, do espelho do Oriente, da cidade de sabedoria, pela qual os mollahs eram outr'ora afamados em todo o mundo musulmano. E os terraços se sobrepunham ao infinito n'uma oppozição de tons claros e sombrios. Fora da cidade, no valle verdejante de Zeravchan, sobro as colinas e os planaltos aridos, que a cingiam parra loto, barracas negras, brancas, amarellas, barracas e o mais barracas, a porder de vista n'um ostional parlanço nas cercanias esbatidas das primeiras montanhas! Ás grandes columnas de pó que subiam aos ares, tráfegadas por um movimento regular, indicavam as tropas em marcha.

Mérande, porém, lançava os seus olhos para mais perto em Samarkande. Tentava em descobrir o logar onde se escondia o avistado entrevisto por Van Korsteen. Baldada investigação! Nada revelava que houvesse em qualquer parte um ou muitos d'esses aparelhos, cujo manejo, havia alguns annos, se tornara bastante seguro para os converter em engenhos de guerra.

Na mesma esplanada, da qual entrevia uma parte, nenhum grande montão apparecia no meio das filas de pedras e de carretas que a garneciam.

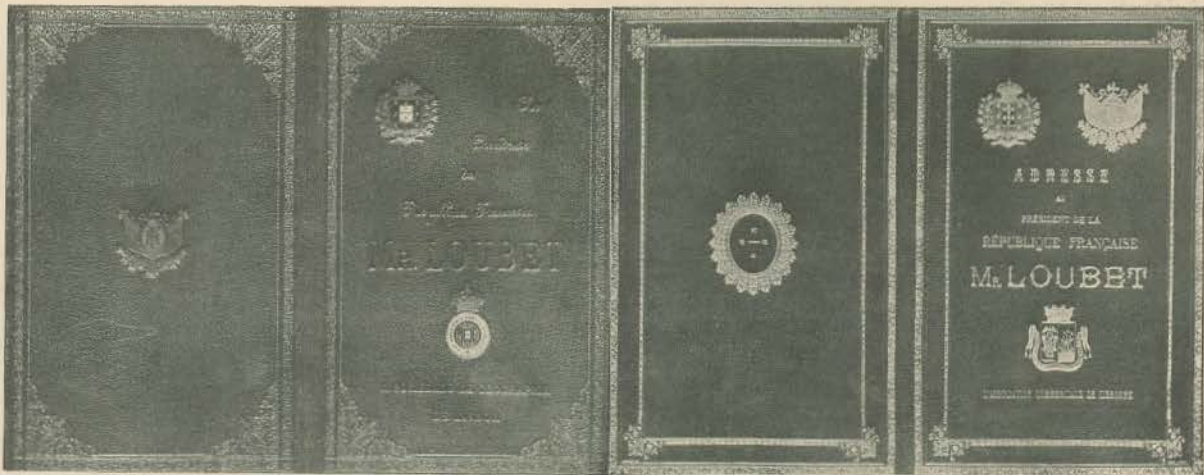
Todavia, Mérande conhecia bem que a sua observação era incompleta. O barranco escarpava-lhe de todo, os terraços brancos encerravam o mysterio dos seus patios interiores, e lá ao longe, por detraz dos mausoleos, para além das ruinas e das altas verduras das necropoles, dissimulavam-se as pragas do terreno.

Depois, o aerostato podia estar a caminho — e elle promettia a si mesmo estar á espreita, com Van Korsteen, velar até de noite para saber da passagem da ave de ferro.

Enfim, desviando-se d'esta preoccupação, Mérande via ainda Samarkande immersa na invasão. E a tristeza e a desanimadora impressão do seu insulamento n'esta immensa mole e enfregia de novo.

Que illusão era essa que elle nutria de pensar n'uma evasão, quando todo o horizonte estava fechado, quando milhões de amarellas cobriam a Asia central, sem duvida desde as estepas do Caspio até os planaltos do Iran?

Quem os levaria ao aerostato, e, posto que esse milagre se realisasse, como dirigiria elle essa machina, cujo systema motor bem poderia ser-lhe desconhecido?



A capa da mensagem que a Sociedade de Geographia entregou ao Presidente da Republica Francoza

A capa da mensagem que a Associação Commercial entregou ao Presidente da Republica Francoza

Chronica elegante

Resoam ainda os ultimos ecos de festas brilhantes nas quaes todos porfiraram em apresentar esplendores de luxo e elegancia, nas ruas, nas casas, nos salões, nas *toilettes*. Ao illustro chefe do Estado de França, tão habituado a exhibições de elegancias e formosuras, não devia ser indifferente o aspecto de distincção e gentileza offercido pelas damas de Lisboa. As festas foram pretexto para ostentação de malos galas e pena foi não se prolongarem por mais tempo.

Agora restam apenas alguns dias de villegiatura em Cascaes e nos Estoris, os quaes serão sem duvida bem aproveitados pela sociedade elegante que ainda all se encontra.

Sucedem-se as *garden-parties*, os passeios, os sarais, os *cotillons*, mas n'essas dorradeiras reuniões da passada estação já se fazem planos e projectos de divertimentos para o inverno. Enquanto elle não vem vão figurando as *toilettes* claras e brilhantes como os formosos raios d'este bello outono.

Fala-se no resurgimento das *toilettes* de seda, claras, escuras e meias tintas que apparecerão nos passeios elegantes da tarde, nas reuniões *chics* e nas visitas.

O *cachemire* abandonado nos ultimos annos tambem reaparece, com os seus reflexos finos e setosos, malhaavel e consistente ao mesmo tempo, prestando-se ás mais caprichosas phantasias da moda actual. Estes generos de vestidos pedem necessariamente nas tardes frias a



Fig. 2

addição d'um *manteau* moderno, adequado á forma das mangas e dos corpos, que nada devem soffrer com esse accrescimento de *toilette*.

Os agasalhos são este anno muito amplos e fartos, cheios de pregas e franzidos para conter a profusão de tecido empregados para evitar o peso demasiado de tanta abundancia de material, apenas se empregam para este genero de agasalhos os pannos finos, os forros leves, o que não obsta á que sejam confortaveis. Os pannos muito fortes, os velludos pesados, o *outage* completo são adoptados para os grandes casacos mais lisos, *jaquettes* justas, boletos, etc.

Nos chapéus elegantes observa-se tambem a mesma leveza, que não implica de modo algum abstenção de elegancia; os feltros são muito finos e *souples*; os vellu-

dos empregados na confecção de chapéus são o *mirro mousseline*, *séplir* e outros cujos nomes suggestivos dão logo idéa do que elles são.

As plumas grandes, pequenas, sombreadas ou de uma só cor, as flores de velludo, as *aigrettes* são os ornamentos preferidos nos chapéus de cerimonia, visitas e passeios de *après-midi*.

Fig. 1 — *Toilette* do passeio em *cachemire* violette.



Fig. 3

Chapéu de tulla preto com amores perfeitos em velludo e pluma violette sombreada.

Fig. 2 — *Toilette* do *garden-party* em *crêpe de Chine* crême *incrassée* de rendas, Chapéu com plumas crême, sombrinha de seda crême.

Fig. 3 — *Toilette* d'*après-midi* em *faulle souple saphyr*. Chapéu *paille de fenetre* preto com pluma.